

Nomes e sobrenomes dos Guarani e Kaiowá de Mato Grosso do Sul
First names and surnames of the *Guarani* and *Kaiowá* from *Mato Grosso do Sul*

Andérbio Márcio Silva Martins

Universidade Federal da Grande Dourados

<https://orcid.org/0000-0003-1142-9219>

AnderbioMartins@ufgd.edu.br

Neimar Machado de Sousa

Universidade Federal da Grande Dourados

<https://orcid.org/0000-0002-3574-6000>

Hemerson Vargas Catão

Universidade Federal da Grande Dourados

<https://orcid.org/0000-0003-2949-9063>

Fábio Conscianza

Docente na Escola Indígena Pa'i Chiquito, Terra Indígena Panambizinho-MS.

<https://orcid.org/0000-0002-7962-7337>

Resumo

Nomes e sobrenomes guarani e kaiowá possuem uma origem histórica a partir do contato com os colonizadores europeus. Aos poucos, os nomes tradicionais estão entrando em desuso, do ponto de vista social, mas têm insistido a sua permanência do ponto de vista religioso, como uma espécie de proteção. Neste artigo, apresentamos um levantamento dos nomes civis de professores indígenas guarani e kaiowá que passaram pela Licenciatura Intercultural Indígena – Teko Arandu, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Mato Grosso do Sul. O levantamento foi realizado a partir do Sistema de Controle de Turmas do Professor. Em seguida, à luz de fatos históricos e sociais, apresentamos as funções sociais dos nomes na atualidade e postulamos as possíveis origens dos sobrenomes, considerando o processo de colonização pelo qual passaram esses povos. Os resultados do estudo não abrangem a origem dos sobrenomes na sua individualidade, mas apresentam um panorama das condições históricas e sociais que puderam dar condições à existência dessa nova forma de nomear e de indicar pertencimento familiar entre os indígenas guarani e kaiowá do cone sul de Mato Grosso do Sul.

Palavras-chave: Guarani; Kaiowá; Antroponomástica, Socioantroponomástica.

Abstract

Guarani and Kaiowá names and surnames have a historical origin from contact with European settlers. Gradually, traditional names are going into disuse from a social point of view, but their permanence from a religious point of view as a kind of protection remain. In this article, we present a survey of the civil names of indigenous guarani and kaiowá teachers who passed through the Indigenous Intercultural Degree – Teko Arandu, Federal University of Grande Dourados - UFGD, Mato Grosso do Sul. The survey was conducted from the Teacher's Class Control System. Then, in the light of historical and social facts, we present the social functions of the names today and postulate the possible origins of surnames, considering the process of colonization that these peoples went through. The results of the study do not cover the origin of surnames in their individuality, but present an overview of the historical and social conditions that could give conditions to the existence of this new way of naming and

indicating family belonging among the Guarani and Kaiowá indigenous peoples of the southern cone of Mato Grosso do Sul.

Keywords: Guarani; Kaiowá; Anthroponomical, Socioanthropomonic.

1. Considerações iniciais

Em 2017, Martins, Catão, Conscianza e Silva publicaram um trabalho sobre os nomes tradicionais do povo Kaiowá¹. Na ocasião, demonstraram como era o ritual de nomeação e o que representa o nome recebido, isto é, qual o seu significado dentro da visão de mundo deste povo. Conscianza², em seu trabalho de conclusão de curso, também em 2017, revelou os aspectos mais íntimos desse momento na vida de uma criança, sendo de vital importância o nome para protegê-la de enfermidade. Ficou claro que o nome, ao ser revelado ao *Nhande Ru*³ (mestre tradicional), traria a alma e o caráter do indivíduo, e este assumiria um compromisso com o nome que recebeu. Chamorro (1994, 2008, 2015) também apresenta uma descrição fidedigna do ritual de nomeação kaiowá e a função do nome dentro dessa cultura indígena.

Embora em todo o cone sul de Mato Grosso do Sul há áreas habitadas por indígenas da etnia Kaiowá, foi na aldeia Panambizinho que a pesquisa foi realizada, localizada no distrito de Panambi, cerca de 17 km do centro da cidade de Dourados-MS. Trata-se de um lugar considerado tradicionalmente Kaiowá e onde aspectos culturais típicos deste povo permanecem vivos, apesar de a aproximação e o contato com os não índios terem sido intensificados nos últimos 100 anos. Dessas pesquisas, pudemos registrar o canto utilizado no

¹ O povo Kaiowá, em território brasileiro, se situa no sul do estado de Mato Grosso do Sul. Trata-se de um povo atualmente bilíngue (kaiowá-português) e sua língua materna pertence à família Tupí-Guaraní, conforme Rodrigues (1984/1985).

² Fábio Conscianza é um dos coautores deste artigo, indígena da etnia Kaiowá, docente da área de Linguagens na Escola Indígena Pa'i Chiquito, Terra Indígena Panambizinho-MS e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade da Faculdade Intercultural Indígena, da Universidade Federal da Grande Dourados – PPGET/FAIND/UFGD.

³ A expressão *Nhande Ru* é, literalmente, Nosso Pai. Trata-se da forma de tratamento respeitosa com que os Guarani e Kaiowá chamam o líder religioso de dentro da sua cultura. Tem-se utilizado a expressão como se fosse uma única palavra: *Nhanderu*, entretanto, por se tratar de um sintagma, em princípio, e não uma composição, adotamos neste artigo a forma *Nhande Ru* para se referir ao mestre tradicional. As letras maiúsculas se justificam para distinguir da expressão *nhande ru* 'nosso pai', cujo objetivo é revelar uma relação biológica de grau de parentesco.

momento em que, ao Nhande Ru, é revelado o nome, que vem junto com os primeiros raios de sol da manhã, além de uma lista de nomes masculinos e femininos, reproduzidos a seguir.

Canto/Reza

Mitã hero (ohexa)⁴

Mitã Poty recha marane'ỹ ngypy,
Mitã poty recha marane'ỹ ngypy,
Mitã akarai poty marane'ỹ ngypy,
Mitã akarai poty marane'ỹ ngypy,
Mitã poty akarai marane'ỹ ngypy,
Cheru mburuvicha araka'e
Mitã poty marane'ỹ ngypy
Mitã poty marane'ỹ ngypy
Mitã poty akarai marane'ỹ ngypy,
Mitã poty akarai marane'ỹ ngypy
Mitã akarai poty marane'ỹ ngypy
Noendusú araka'e
Mitã akarai marane'ỹ ngypy
Mitã akarai marane'ỹ ngypy
He'i cheeramo jusuete araka'e
Xeruvusu marangatu uu ny,
Papa marangatu ny

Nomes masculinos

Téry Ka'agwy	Tradução literal	Explicação dos nomes
Ava Vera Ju	Homem Brilho Amarelo	O homem que vive iluminando o mundo.
Ava Vera Rendy	Homem Brilho e Luz	O homem que brilha e vive iluminando o mundo.
Ava Rendyju	Homem Luz	O homem que vive sua própria luz e iluminando o mundo.

⁴ Ver criança

Ver a flor da criança sem males/ou sem problema no assento.
Ver a flor da criança sem males/ou sem problema no assento.
A flor alma da criança sem males no assento.
A flor alma da criança sem males no assento.
A flor alma da criança sem males no assento.
Meu grande pai faz tempo.
A flor de criança sem males no assento.
A flor de criança sem males no assento.
A flor alma da criança sem males no assento.
A flor alma da criança sem males no assento.
A alma flor da criança sem males no assento.
Grande, grande faz tempo.
A alma da criança sem males no assento.
A alma da criança sem males no assento.
Disse para mim grandiosamente faz tempo.
Meu grande pai tudo de bom.
Conto de bom.

Ava Jegwaka'i	Homem Cocarzinho	O homem que vive com cocarzinho.
Ava Chakarendy	Homem Visão Luz	O homem que vive com a experiência.
Ava Rory	Homem alegre	O homem vive com sua própria alegria.
Ava Xiryvy Rendy	Irmão Luz	Um homem de responsabilidade da família.
Ava Poty	Homem Flor/de Vestimenta	O homem que vive com flor, representa amor e carinho.
Ke'y Miri □ Poty Rendy	Irmãozinho Flor Luz	É um irmão de responsabilidade da família.
Kwaĩ Mirĩ Gwasu Jegwaka Rendy	Genrozinho Grande Cocar Luz	O homem que vai ser um genro de responsabilidade.
Ava Rova Ju	Homem Rosto Amarelo	Homem de responsabilidade que pode se tornar mais respeitado.
Xiryvy Resaru'i	Irmão Olho Pequeno	O Irmão que vive com sua própria sabedoria.
Ava Jechaka'i	Homem Observador	Aquele que presta atenção na natureza, nos animais e nas pessoas. Pessoa que tem no olhar sua fonte de conhecimento e sabedoria.
Ava Apyka Rendy'i	Homem do Banco de Luz	Este nome traz um elemento essencial na cosmologia Kaiowá – o Apyka, que é um banco não somente físico, mas espiritual também, esta pessoa tem uma responsabilidade muito grande, pois é aquele que põe as coisas em seu lugar certo através de seu brilho incessante.
Ke'y Marangatu	Irmão Verdadeiro	O Homem que vive com muita sabedoria, vive com piedade e paciente. Homem sábio.

Nomes femininos

Nomes	Tradução Literal	Explicação dos nomes
Kunha Poty Vera	Mulher Flor Brilha	Uma mulher que representa a iluminação do mundo.
Miĩ Poty Vera	Menina Flor Brilha	Uma menina que representa a iluminação do mundo

Miĩ Rovaju'i	Menina Rosto Amarelinho	Uma menina que vive com rosto amarelo, que representa amadurecimento, menina preparada.
Miĩ Poty Rendy	Menina Flor Luz	Menina que viver com a flor, iluminando o caminho.
Kunha Poty	Mulher flor	A mulher que vive com sua flor, representa o carinho e amor.
Mbo'y Poty Rendy	Colar flor Luz	A mulher que vive com as flores e iluminando coisas.
Kunha Rory	Mulher Alegre	A mulher que vive com sua felicidade.
Kunha Poty Marangatu	Mulher Flor Sagrada/Mulher Sábia	A mulher que vive com muita sabedoria. Mulher Sábia. Com sua virtuosidade, as boas ações, observações corretas, nobre no caráter e sagrada em sua forma de vida. Estes adjetivos explicam a personalidade feminina contida no interior do nome, o qual será a sua missão no futuro desta mulher em suas lutas e conquistas, e em seu auxílio na procura de realizar o que está proposto no interior de seu nome que foi designado a ela.
Mii□ Poty Rendy	Menina Flor Luz	Menina que com a flor iluminando o caminho.
Mbo'y Xeru'i	Colar Paizinho	A mulher que representa do pai, Mbo'y é um colar, representa a identidade.
Kunha Poty Rendy	Mulher Flor de Luz	Mulher flor de Luz, esta mulher com a capacidade de reproduzir em suas ações e atos a clareza e transparência de suas intenções.
Kunha Poty Rendyju	Mulher Flor da Luz Amarela.	Mulher flor da Luz Amarela. A mulher que ilumina os caminhos da vida com sua luz interior, que é amarela, sendo intensa e radiante.
Mbo'y Poty Vera	Mulher Flor Brilho	Nome da caçula

Embora os nomes tradicionais persistem em permanecer em algumas áreas Kaiowá e Guarani⁵, os nomes próprios com os quais os indígenas são registrados e pelos quais são conhecidos socialmente, tanto dentro da área indígena quanto fora, pertencem ao mundo ocidentalizado, com o qual interagem, praticamente, desde o início da colonização portuguesa e espanhola, séculos XVI e XVII, respectivamente, tendo sido acentuado o contato após o fim da guerra da tríplice aliança (1864-1870) e com a instalação de atividades agrícolas e pastoris durante o século XX nas regiões que hoje são por eles reivindicadas.

Para se ter uma ideia, com base em dados do Censo Populacional, realizado em 2010, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e com base nos dados da Secretaria de Saúde Indígena (SESAI) e da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), estima-se que a população Guarani e Kaiowá que vive em áreas de reservas indígenas, terras indígenas e acampamentos em Mato Grosso do Sul seja de 51.801 indivíduos. Desses, 2.630 vivem em acampamentos, 38.525 em reservas indígenas criadas pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e 10.646 em terras indígenas demarcadas após 1980, de acordo com Cavalcante (2013: 84). Cabe destacar que apenas 22 áreas foram identificadas a partir da década de 1980, mas somente nove terras estão regularizadas com registro cartorial, cinco homologadas, duas terras demarcadas, quatro terras declaradas e duas apenas identificadas e delimitadas (idem: 94). Chamorro (2015) identificou cerca de 40 acampamentos Guarani e Kaiowá até 2012. Essa realidade territorial chama a atenção, pois sem território e com espaço diminuto, esses povos têm encontrado dificuldades de se reproduzir socioculturalmente, sendo obrigados a alterar seu modo próprio de organização social e garantir o aprendizado da língua portuguesa. Desde a escolarização iniciada, passam a ser bilíngues, em alguma medida, e permanecem bilíngues

⁵ Os Guarani, também conhecidos na literatura por Guarani Ñandéva, habitam o sul do estado de Mato Grosso do Sul. Possuem duas áreas tradicionalmente Guarani, na fronteira com o Paraguai, nas cidades de Paranhos e Japorã, entretanto, compartilham com os Kaiowá diversas outras áreas. Casamentos interétnicos atualmente são muito comuns. Do ponto de vista linguístico, trata-se também de uma comunidade bilíngue (Guarani-Português) e sua língua materna é reconhecidamente irmã da língua Kaiowá, ambas pertencentes à família linguística Tupí-Guaraní, o que revela semelhanças em termos de vocabulário e gramática.

até o fim da vida. Diferentemente de outros povos indígenas, os Guarani e os Kaiowá reconhecem a sua fala (nhe'ẽ) como sagrada, como o maior símbolo de etnicidade, e por meio dela transmitem seus conhecimentos tradicionais de geração a geração.

Dentro dessa realidade, desde 2006, a Universidade Federal da Grande Dourados tem ofertado uma Licenciatura Intercultural Indígena, específica para os povos Guarani e Kaiowá da região. Praticamente, já passaram por esse curso cerca de 500 indígenas, agora habilitados em quatro áreas de conhecimento para atuar como professores nas escolas indígenas de seus *tekoha kuéra*⁶ (aldeias). Com formação em Matemática, Ciências da Natureza, Linguagens e Ciências Humanas, esses professores têm construído uma nova fase da Educação Escolar Indígena, a qual segue os princípios da autonomia, do bilinguismo, da interculturalidade, da especificidade e da diferença. Neste artigo, vamos apresentar uma reflexão sobre os nomes próprios desses professores que passaram pelo *Teko Arandu* e dos estudantes que, em 2019, estavam cursando a licenciatura. O propósito é verificar possíveis padrões de escolha dos nomes e a função social deles, além de expressarmos uma reflexão histórica da existência dos sobrenomes, que existem para indicar a qual família o indígena pertence, considerando que agora o nome civil passou a ser mais importante para a organização social em áreas ocupadas por diversas famílias do que antigamente, quando havia a possibilidade de cada família ter seu próprio espaço de subsistência, ou seja, quando cada conjunto de famílias nucleares com afinidades genéticas e alianças matrimoniais e políticas⁷ compunha, de fato, um único *tekoha*⁷ (lugar de viver).

2. Os nomes próprios

⁶ A expressão é, literalmente, lugares de viver no modo próprio de ser. Por falta de uma referência na cultura ocidental, adotamos o termo aldeia como forma de referência física ao local em que os indígenas habitam.

⁷ Sobre os módulos organizacionais e humanização do espaço habitado dos Kaiowá em Mato Grosso do Sul, recomendamos a leitura de Pereira (2016).

Para o estudo dos nomes, consultamos no Sistema de Controle de Turmas do Professor, disponível no Portal da Universidade Federal da Grande Dourados, na área restrita dos docentes, os nomes dos estudantes de cada turma, considerando desde a primeira entrada, em 2006, até a última seleção, ocorrida no início de 2019, no total de oito turmas (a relação dos nomes seguem em anexo).

Em 13 anos entraram 513 indígenas das etnias Guarani e Kaiowá na Licenciatura Intercultural Indígena – *Teko Arandu*⁸. À primeira vista, o critério do primeiro nome parece ser somente a necessidade efetiva de individualizar as pessoas dentro das comunidades às quais pertencem, pois há uma preocupação em não haver repetições de nomes por parte dos pais. Isto é, a princípio, não há uma preferência de nomes a cada geração, considerando que todo esse quantitativo é uma amostragem de cerca de 21 áreas indígenas Guarani e Kaiowá. É claro que nomes iguais acabam ocorrendo de forma bastante coincidente. Entre os nomes masculinos, o nome mais comum, ou que ocorre com maior frequência, é Edson, mesmo assim, a frequência é muito pequena, se compararmos à quantidade total de nomes dessa amostra, 5 no total. Identificamos uma repetição, mas com baixa frequência, de 50 nomes. Cabe destacar que a existência de pessoas distintas com o mesmo nome numa mesma área indígena não é comum entre os Guarani e Kaiowá. No quadro 1 é possível visualizar os nomes repetidos em nossa amostragem.

Quadro 1 – Nomes repetidos entre os Guarani e Kaiowá

Nomes	Quantidade
Adenilda, Alfredo, Alice, Daniel, Eldo, Elenir, Eliezer, Elizabete, Ezequiel. Fábio, Fátima, Flaviano, Gerson, Hernani, Janaína, Janete, João Carlos, Josemar, Josiane, Júlia, Luciana, Marciano,	2

⁸ Aqui estamos considerando o total de alunos matriculados, incluindo o reingresso de alunos. Fato que ocorre quando o estudante permanece no curso após os quatro anos e meio, prazo mínimo para se formar e, em outras ocasiões, quando o aluno desiste e presta vestibular novamente, além de termos caso em que o estudante foi jubilado e reingressa no curso por meio de vestibular. Nesses 13 anos, tivemos oito casos de alunos que se encaixam em uma ou em outra das situações apresentadas.

Márcio, Marcos, Marlene, Nilton, Onésio, Pedro, Renata, Robson, Rogério, Ronaldo, Rosângela, Sílvia, Sílvio, Sônia e Valmir	
Adriano, Beatriz, Júnior, Jussara, Osmar, Tiago e Vanessa	3
Edson, Jéssica	4
Isaias	5

Uma outra observação interessante acerca da escolha dos nomes pelos pais é o desapego por nomes compostos, muito comuns dentro da cultura brasileira não indígena. Identificamos 9 nomes compostos no total de 505 indivíduos: Alex Júnior; Ana Cristina; Antonio Carlos; João Carlos; Luis Carlos; Maria Aparecida; Maria Cristina; Maria de Fátima; e Maria de Lourdes.

Nomes com grafias distintas também ocorrem na amostra, mas em uma baixa frequência: Katusce e Katiuse; Keli e Kelly; Édina e Edna; Tiago e Thiago. Por fim, embora haja um número significativo de nomes bíblicos⁹, esse não parece ser o critério predominante para a escolha. Nomes de origem indígena foram apenas dois: Iracy e Jacy. É possível, portanto, conjecturar que a escolha dos nomes civis pelos Guarani e Kaiowá obedece a critérios mais práticos e funcionais dentro das comunidades que propriamente a um modismo geracional, como copiar o nome de algum famoso: uma estrela de cinema ou um jogador de futebol.

É certo que os nomes tradicionais revelam a espiritualidade kaiowá e guarani, algo que vem sendo perdido ou substituído pela espiritualidade cristã nos dias atuais, e os nomes próprios têm revelado uma necessidade de individualizar o ser. Ao que tudo indica, não há o costume de dar o nome de alguém da família que já morreu. Talvez por isso também não haja repetições expressivas.

3. Os sobrenomes

⁹ Abigail; Adão; Daniel; Elias; Eliezer; Enoque; Ezequiel; Isaias; Jairo; Jesus; João; Joaquim; Joel; Jonatas; Josiel; Lazaro; Léia; Marcos; Mateus; Misael; Natanael; Noemi; Paulo; Pedro; Raquel; Rebeca; Rute; Sara; Saul; Saulo; Simão; Tiago e Tito.

Com relação aos sobrenomes, identificamos cerca de 159, o que sugere minimamente 159 famílias estarem representadas neste levantamento a partir da amostra, como pode ser verificado a seguir.

1. Acosta; 2. Adiala; 3. Ajala; 4. Alencar; 5. Almeida; 6. Almeida; 7. Alvarenga; 8. Amarilia; 9. Aquino; 10. Aquivel; 11. Aranda; 12. Araujo; 13. Arce; 14. Arévalo; 15. Assis; 16. Ávalo; 17. Barbosa; 18. Batista; 19. Batista; 20. Benites; 21. Bolgarim; 22. Bolgarin; 23. Borvão; 24. Brites; 25. Brum; 26. Bull; 27. Cabreira; 28. Cáceres; 29. Caldeira; 30. Candia; 31. Cano; 32. Canteiro; 33. Cardoso; 34. Cariz; 35. Carmona; 36. Carvalho; 37. Castelão; 38. Cavalheiro; 39. Cavanha; 40. Centurion; 41. Concianza; 42. Correa; 43. Costa; 44. Davalo; 45. Davilã; 46. Dias; 47. Diquelme; 48. Domingues; 49. Duarte; 50. Duran; 51. Escalante; 52. Escobar; 53. Espindola; 54. Fernandes; 55. Ferreira; 56. Figueredo; 57. Franco; 58. Freitas; 59. Gaona; 60. Garay; 61. Garcete; 62. Gobe; 63. Godoi; 64. Gomes; 65. Gonçalves; 66. Goularte; 67. Hilton; 68. Hirto; 69. Ireño; 70. Irineu; 71. Isnarde; 72. Iturve; 73. Jara; 74. Jorge; 75. Ledesma; 76. Ledesmo; 77. Lemes; 78. Lescano; 79. Lima; 80. Locário; 81. Lopes; 82. Machado; 83. Manoel; 84. Mariano; 85. Marques; 86. Martim; 87. Martinez; 88. Martins; 89. Medina; 90. Menegildo; 91. Montiel; 92. Moraes; 93. Morales; 94. Moreira; 95. Morelis; 96. Mota; 97. Nelson; 98. Nimbú; 99. Nunes; 100. Oliveira; 101. Olmedo; 102. Ornelo; 103. Ortiz; 104. Paes; 105. Paulo; 106. Pavão; 107. Pedro; 108. Pedroso; 109. Peralta; 110. Pereira; 111. Perito; 112. Pires; 113. Pontes; 114. Quevedo; 115. Quinhone; 116. Ramires; 117. Ramos; 118. Reginaldo; 119. Ribeiro; 120. Ricardo; 121. Ricarte; 122. Riquelme; 123. Rocha; 124. Rodrigues; 125. Romeiro; 126. Romero; 127. Rossate; 128. Salina; 129. Samaniego; 130. Sanches; 131. Santos; 132. Sarate; 133. Savala; 134. Serrano; 135. Silo; 136. Silva; 137. Soares; 138. Souza; 139. Teixeira; 140. Toral; 141. Torres; 142. 143. Turibo; 144. Valiente; 145. Vando; 146. Vareiro; 147. Vargas; 148. Vasques; 149. Velário; 150. Venite; 151. Vera; 152. Veron; 153. Vilhalva; 154. Vilharva; 155. Vinhales; 156. Vogarin; 157. Ximendes; 158. Ximenes e 159. Xisto.

Em uma primeira tentativa de compreender a função dos sobrenomes para os Guaraní e Kaiowá do sul de Mato Grosso do Sul, supomos que sua existência atualmente é a de revelar a família nuclear e a família extensa ao qual o indivíduo pertence, uma vez que se espalharam em territórios muito recortados dentro da região. Verificamos que muitas pessoas possuem apenas um sobrenome, entretanto, outros possuem dois ou mais (423. Manoel Vilhalva Martins; 424. Mariano Duran Vera; 425. Michel Gomes Rocha, entre outros), o que pode indicar a união entre famílias por meio de casamentos. Ao que tudo indica, após a necessidade de reestruturação e reorganização social devido ao contato com os não indígenas, passaram a ter nome próprio e sobrenome familiar. Algo que deve ter iniciado a partir da colonização entre os séculos XVI e XVII, com os primeiros contatos com os espanhóis e portugueses

através da colonização e das missões jesuíticas. Contudo, podem revelar também casamentos entre não indígenas em séculos posteriores, tendo em vista que houve um incentivo para isso, o que tem ocorrido ainda com alguma frequência nos dias atuais, sobretudo mulheres indígenas com homens não indígenas, por escolha própria.

Uma hipótese levantada inicialmente é que entre os sobrenomes parece predominar aqueles advindos da colonização espanhola (Benites, Morales, Sanches, entre outros) já que o território guarani foi colonizado pela Espanha e não por Portugal. Pode ser resultado de casamentos, de marcas da escravidão e de interesses políticos. O que sabemos é que a antiga forma de organização guarani (*te'ýi*, *tekoha* e *guará*) não parece necessitar da identificação dos indivíduos da forma como está constituído hoje, pondo em evidência muito mais as relações de parentescos, o que demonstra uma forte organização pensando sempre o coletivo e não o indivíduo¹⁰. Nesse sentido, a hipótese é que os nomes tradicionais parecem ter sido sempre mais espirituais. Por fim, existem sobrenomes que, na verdade, são nomes: Vera, Pedro, Manoel, Vando, o que pode sugerir um possível pertencimento a um dono de fazenda ou para quem se trabalhava, ou mesmo uma forma de homenagem a um não indígena nessa relação de contato.

Nesse sentido, ao revisitarmos trabalhos etnológicos e historiográficos acerca dos Guarani e Kaiowá, como Cadógan (1959), Leite (1956) e Sousa (2009), e de verificarmos o que lideranças e pesquisadores indígenas dessas etnias têm a dizer sobre o assunto, pudemos ter uma visão mais ampla e mais complexa da forma de nomear e da função dos nomes próprios a partir da colonização. Conseguimos, portanto, dimensionar fatos históricos e

¹⁰ *Te'ýi*: constituído por um grupo macro familiar unido por laços de parentesco, ou seja, uma “família extensa” que ocupava as *te'ýi óga*, casas grandes comunitárias. *Tekoha*: formado pela associação de cinco, seis ou mais *te'ýi*. Apesar de distantes, a distância entre os *tekoha* eram de uma ou duas léguas. *Guará*: trata-se de uma formação mais extensa que reúne vários *tekoha* (SUSNIK, 1979-1980; CAVALCANTE, 2013). Para mais informações sobre a antiga forma de organização social dos guarani, sugerimos a leitura de Susnik (1979-1980).

sociais determinantes para o uso de nomes e sobrenomes não indígenas, o que revela transformações culturais impostas e de grande impacto para as organizações sociais tradicionais desses grupos étnicos.

Considerações finais

Sabemos que o pensamento guarani tem marcas esotéricas (CADÓGAN, 1959) e mitológicas em sua racionalidade. Consequentemente, o sistema próprio de nomenclatura exprime sua filosofia, e os nomes e sobrenomes adquiridos a partir do contato com os não-índios contam sua história de dominação colonial e cosmovisão negada. Os guarani receberam nomes exógenos depois do contato com os estrangeiros (*karai*), devido à dificuldade destes em pronunciar os nomes indígenas e também ao fato do nome indígena, à época, ser de uso interno, sagrado, restrito e extensivo à parentela, não sendo recomendável que seja revelado ao inimigo (*mbaíry*) por temerem encantamentos.

No que diz respeito aos nomes não indígenas, o cacique kaiowá Getúlio Juca, da Aldeia Jaguapiru, Reserva Indígena de Dourados (MS), esclarece que, antigamente, o capitão emitia um documento (*kuatia*) com nomes de branco para os índios, como João e Salvador, por exemplo. Lembra que havia um kaiowá, seu vizinho, cujo nome tradicional era *Ju'i* e, por extensão, todos os seus parentes eram reconhecidos por este nome, sendo conhecidos como *Ju'i Kuéra* (família dos *Ju'i*). O cacique Getúlio acrescenta que, em sua língua, o segundo nome (semelhante ao nosso sobrenome) era adicionado em complemento ao nome do irmão (*ke'y*) mais velho, *rusu*, e aos menores, *mirĩ*, o mais novo. O nome e o sobrenome não-índio apareceram com o capitão, índio nomeado pela agência indigenista na região da Reserva Indígena de Dourados e como intermediário com os indígenas pela agência indigenista estatal. Além disso, o nome e o sobrenome não indígenas indicam a quem aquele índio pertencia, quem era seu patrão nos ervais e nas changas (trabalhos temporários variados na cana-de-

açúcar, fazendas, estrada de ferro, entre outros), na relação com os fazendeiros e gatos (gerentes) que passaram a controlar e explorar o trabalho indígena, esclarecem muitos pesquisadores indígenas como, por exemplo, a professora Teodora de Souza.

No que se refere à história colonial, é longo e doloroso o histórico de contato entre os Guarani e os conquistadores espanhóis e portugueses. Os relatos no atual Mato Grosso do Sul retratam contato com os colonos encomendeiros de Assunção, a partir de 1593, e com colonos portugueses, bandeirantes escravistas, a partir de 1631. Os indígenas desta região viveram em meio às *encomiendas*, conflitos territoriais, e epidemias, entre 1632 e 1647 nos arredores da cidade espanhola de Santiago de Xerez, que foi erguida nas margens do Rio Ivinhema e depois transferida para as proximidades do Rio Miranda. Os índios falantes de Guarani desta região eram encomendados aos colonos espanhóis de Santiago de Xerez, eram batizados coletivamente e recebiam os nomes de seus encomendeiros, acrescidos do título de Don, quando prestavam serviços militares na defesa das cidades. Na Missão de *Nuestra Señora de Fe do Itatim*, vizinha da cidade espanhola de Xerez¹¹, o cacique aliado dos missionários jesuítas recebeu em batismo o nome cristão de Diego, o título honorífico de Don, cacique, e o sobrenome de Paracu, Dom Diego Paracu, referência provável ao seu apelido guarani e concessão dos colonizadores que indica a importância deste cacique na região e potencial aliança.

O antagonista do cacique aliado dos missionários não tinha nome cristão, chamava-se *Nhanduabuçu*, xamã influente em toda a região do antigo Itatim, acusado de feiticeiro pelos jesuítas. Este nome é composto por aglutinação, e a grafia tupi meridional do século XVII indica que se refere, possivelmente, a *Nhandua*, pássaro mítico, e *guasu*, grande. Um pássaro sagrado que testemunhou a criação do mundo em muitos cantos sagrados em língua guarani.

¹¹ A cidade de Xerez, durante os séculos XVI e XVII, estava ligada à Assunção-PY. Atualmente, faz parte do Brasil, no estado de Mato Grosso do Sul, nas proximidades do município de Aquidauana. A cidade foi fundada por Ruy Diaz de Gúzman em 24 de março de 1593, apoiado por jesuítas, nela viviam milhares de índios. Era um marco da posse espanhola na região. Foi invadida e destruída pelos malocas luso-paulistas em 1632, marcando a presença de Portugal no Pantanal sul mato-grossense.

Atualmente, o nome guarani, chamado em algumas aldeias do Mato Grosso do Sul de *Tupã réra* (nome sagrado) ou *Ka'aguy réra* (nome da mata) está relacionado à alma e sua origem, sendo identificado pelo líder espiritual, o *Nhande Ru* (rezador) ou *Nhande Sy* (rezadora), na cerimônia do *Nhemongarai* (ritual guarani para atribuição do nome).

A alma telúrica, representada por um pássaro (*Gwyrá*), procede de um lugar onde localiza-se o *Pa'i Jehero*, *Ayvu Ropyta*, quando nascemos ou nos levantamos (*omopuã*). Este lugar fica na direção (*árayke*) leste (*kuarahy resẽ*), próximo da morada dos antepassados míticos (*ypy kuérape*). Quando a criança corre risco de vida, ela recebe um nome, um nome provisório para acalmar seu *Gwyrá*, até que, ao começar a falar, manifestação de sua outra alma, *nhe'ẽ*, receberá seu nome definitivo.

O nome religioso (*tupã réra*) não é atribuído, mas é descoberto pelo líder espiritual (*Nhande Ru*), mediante sinais físicos no corpo da pessoa e características psicológicas. Significa a própria vida da pessoa. Este nome pode vir de três lugares e está relacionado com a saúde e com o comportamento. Os nomes religiosos expressam a origem da alma, da vida, da pessoa, e procedem do *kuarahy resẽ* (sol nascente), *yvyra joasá* (zênite) ou *kuarahy reike* (sol poente). Além disso, nomes não podem ser revelados para qualquer um, pois podem ser usados por um inimigo para fazer mal (*mohãy*), adoecendo, e até matando quem o carrega, mediante o desapego do nome de seu portador, sendo sensível como um pássaro (*gwyrá*). Nessas situações é preciso um rebatismo para assentar novamente o nome.

Ao morrer, deitar-se, o nome-vida voa de volta à sua origem *Ayvu Ropyta*, e a alma pecaminosa, mundana, *asy*, deve ser encaminhada ritualmente ao lugar adequado, *Kaňynguéry*, na direção do sol poente (*kuarahy reike*). Quando *asygua* permanece na terra, converte-se em *Anguéry*, espírito perigoso, também chamado de *Teko Asy Kuê*, *Angue* ou *Mbogua*, 'fantasma'. Destaca-se que os nomes tradicionais guarani são religiosos, ligados à cosmologia, à espiritualidade e identificados pelo *Nhande Ru* em rituais, geralmente ligados a

animais e flores, associado à produção de descendência. O nome tradicional, *héry ka'aguy*, é a língua e a vida de uma criança. Já os nomes europeus e cristãos homenageiam personagens bíblicos (João, Salvador, Maria, por exemplo), pois eram atribuídos por religiosos ou recém-convertidos. É preciso destacar o quanto deve causar estranheza a um índio guarani quando um sacerdote pergunta aos pais o nome da criança, uma vez que o Nhande Ru kaiowá observa, reza por três dias e, na madrugada do terceiro dia, passa a ter conhecimento do nome do menino ou da menina, ou seja, os pais conhecem o nome pelo mestre tradicional, e não o contrário.

Na tradição ocidental europeia, os sobrenomes (*téra joapy*) revelam a origem geográfica (Silva, Costa, Souza, entre muitos outros), o ofício (Shumacher) ou credo, no caso das árvores frutíferas (Pereira, Limeira), caso dos cristãos-novos da Península Ibérica (BARATA, 1957; FRANCO JÚNIOR, 1987; NOVINSKY, 2007). A regra de etiqueta em muitos lugares na Península Ibérica recomenda que se deve chamar alguém pelo nome da família, ficando o primeiro nome mais restrito ao âmbito doméstico e à intimidade. E qual teria sido o processo de constituição de sobrenomes entre os guarani? Uma pequena estadia entre os guarani e kaiowá revela sobrenomes muito comuns: Alziro, Almeida, Aquino, Arce, Barbosa, Benites, Capilé, Castelão, Cavanha, Concianza, Duarte, Fernandes, Franco, Garay, Gomes, Gonçalves, Isnard, Jorge, Juca, Machado, Martins, Nunes, Ortiz, Pedro, Ramires, Romero, Sarate, Silva, Souza, Vasques, Vera, Verón, Vilhalva, entre muitos outros.

O interstício cronológico entre as missões jesuíticas, no atual Mato Grosso do Sul (1650), e a instalação das primeiras fazendas no sul de Mato Grosso (1870) após a guerra do Paraguai, foi um período que os guarani e kaiowá lograram viver indocumentados, distantes dos encomendeiros espanhóis e bandeirantes paulistas nas matas de difícil acesso na região dos campos de Vacaria, *ka'aguy rusu*, como também é chamada parte da região em língua guarani atual, por esta razão foram nominados pelos viajantes de *Ka'aguygua*, moradores da

mata, termo que teria dado origem ao etnônimo kaiowá, na opinião do Nhande Ru Getúlio Juca. Muitos indígenas guarani e kaiowá vivem indocumentados até hoje, a maioria crianças, devido às dificuldades na emissão de documentos pelas agências estatais.

Uma parte dos sobrenomes de indígenas retrata o contato com autoridades espanholas no período colonial e com trabalhadores paraguaios na época da Companhia Matte Larangeiras.

Esclarecemos que a extensão do termo colonial aqui utilizado não se restringe à cronologia clássica do período colonial brasileiro (1532-1822), pois as relações coloniais não são abolidas por decreto, são simbólicas, permeiam o imaginário e não foram abolidas com declarações de independência na América Latina e instalação das repúblicas.

A política do estado brasileiro republicano para os povos indígenas era tutelar os índios até que completassem a transição do estado metafísico, o mais primitivo, ao positivo, o mais desenvolvido, dito civilizado, quando estes seriam integrados à comunhão nacional na camada dos trabalhadores subalternos, deixando de ser índios, segundo o ideário positivista dos pais da república brasileira. Ter um nome europeu e cristão, abandonar o nome indígena era sinal de civilização e progresso nesta linha evolutiva. Este novo nome, atestado em documento, era emitido pela agência indigenista estatal, primeiro do SPI (1910-1967) e depois a FUNAI (de 1967 em diante).

O regime de trabalho dos índios era, desde a colônia, o trabalho compulsório e o *repartimiento* de índios, ficando o *encomendero* obrigado a catequisar e a vestir os índios, dando-lhes um nome, e às vezes tratamento cristão. Geralmente atribuíam aos índios, batizados, seu próprio nome, como padrinho (*compáre*), marca de dono da mão de obra daqueles trabalhadores reconhecido em igrejas-cartório (BRAND, 1997, p. 24).

Este foi o contexto de sobrenomes comuns na região de fronteira no atual Mato Grosso do Sul. Estes sobrenomes nos contam a circulação de peões paraguaios nos ervais da

Companhia Matte Laranjeira para controlar os trabalhadores indígenas mediante a fluência na língua guarani. Ao que tudo indica, este processo não foi homogêneo, pois o sobrenome Vera é bastante comum entre os guarani de Mato Grosso do Sul, especialmente nas aldeias da região sul. Este nome aparece na literatura colonial associado à rebelião do cacique Overá, ‘aquele que brilha’. O termo relaciona-se à mitologia guarani da narrativa dos Gêmeos Sol (*Kuarahy*) e Lua (*Jasy*). O Sol, ao fazer sua caminhada (*oguatá*) até encontrar seu pai (Nhande Ru), vai brilhando diante dos antepassados dos animais, àquela época humanos, e transformando-os como os percebemos hoje. Assim, Vera, significa resplandecente, e remete à ancestralidade guarani. Este sobrenome Vera também indica normalmente a etnia Guarani Nandéva e remete à relação com a antiga região colonial conhecida como Guairá, no período jesuítico (1609-1759).

Outro processo de aquisição de sobrenomes está relacionado aos casamentos interétnicos entre índios e não-índios. Um dos casos clássicos na literatura foi noticiado em 1532, quando Martim Afonso de Souza fundou São Vicente. Trata-se da índia Bartira, filha do cacique Tibiriçá, batizada, cujos descendentes carregaram o sobrenome do marido português, João Ramalho. Os testamentos da nobiliarquia paulistana e as cartas jesuíticas de Nóbrega e Anchieta (LEITE, 1956), registraram todos os seus dez filhos com o sobrenome Ramalho: André Ramalho, Joana Ramalho, Margarida Ramalho, Victório Ramalho, António de Macedo, Marcos Ramalho, Jordão Ramalho e Antonia Quaresma, além de Francisco e Isabel. Observe-se que Tibiriçá empresta seu nome como sobrenome à filha, Bartira Tibiriçá, mas seus descendentes levam sobrenome Ramalho, como garantia de herança, apesar de união “irregular”, segundo os jesuítas (LEITE, 1956).

O nome tradicional de um guarani expressa um destino e serve para que o criador o reconheça. A atribuição do sobrenome do dono da mão de obra a um índio é uma marca colonial que o acompanhará durante toda a vida e a de seus descendentes também, é como um

ser maléfico (*maetirõ*) que se apodera dele e espanta seu espírito (*gwyra*). Os sobrenomes indígenas indicam além da imposição de uma identidade exógena, o exercício de controle e a propriedade da mão de obra indígena, caracterizado como trabalho compulsório. Outro aspecto é a indicação da mestiçagem no período colonial (*tovajá*) como constitutivo da brasilidade e das relações sociais na América Latina. Destaca-se a despersonalização e descaracterização do índio, enquanto identidade diversa sob a república positivista, a política de nacionalização da mão de obra sob o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), relação de subalternidade com Estado nacional, além de marca da conversão religiosa ao cristianismo e, conseqüente, movimento de negação da religiosidade e cosmologias tradicionais.

Recebido em 30/03/2020

Aceito em 29/04/2020

Publicado em 29/07/2020

Referências

- Barata, Carlos Eduardo de Almeida. Cunha Bueno, Antônio Henrique. (2001) *Dicionário das famílias brasileiras*. São Paulo: Ibero-América.
- Borvão, Delfino (Ava Apykava Verandyjuruá); Teixeira, Atanásio (Nhomoendyja); Conscianza, Roseli; Aquino, Valdomiro; Silva, Alda, Juca, Getulio. (2019). *Diagrama Cosmológico*. Dourados.
- Brand, Antonio. (1997). *O Impacto da Perda da Terra sobre a Tradição kaiowá/Guarani*. Porto Alegre, PUC. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em História, PUC, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.
- Cadógan, León. (1959). *Ayvu Rapyta*. São Paulo: USP.
- Cavalcante, Thiago Leandro Vieira. (2013). *Colonialismo, território e territorialidade: a luta pela terra dos Guarani e Kaiowá em Mato Grosso do Sul*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de São Paulo.
- Chamorro, Graciela. (1994). *Kurusu Ñe'êngatu ou palavras que a história não poderia esquecer*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Campus São Leopoldo, Rio Grande do Sul.
- _____. (2008). *Terra Madura, Yvyraguyje: Fundamento da Palavra Guarani*. Dourados, MS: Editora UFGD.
- _____. (2015). *História Kaiowa. Das origens aos desafios contemporâneos*. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora.

- Concianza, Fábio. (2017). *Antroponímia kaiowá: Téry Tee Tekoha Panambizinho-Py*. Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura Intercultural Indígena – Teko Arandu, área de Linguagens, Universidade Federal da Grande Dourados.
- Franco Júnior, Hilário. (1987). *As Cruzadas*. São Paulo: Brasiliense.
- Guzmán, Ruy Díaz. (1980). *Anales del Descubrimiento, Población y Conquista del Río de la Plata*. Ediciones Comuneros. Asunción.
- Leite, Serafim. (1956). *Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil*. Tipografia Atlântica: Coimbra.
- Martins, Andérbio Márcio Silva, et al. (2018). Antroponímia Kaiowá. In: Maria Suelí de Aguiar; Maria Célia Dias de Castro; Ana Lourdes Cardoso Dias. (Org.). *Onomástica e a identidade do homem*. Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 339-400.
- Martins, Andérbio Márcio Silva, et al. (2017). Antroponímia Kaiowá. In: Maria Suelí de Aguiar; Maria Célia Dias de Castro; Ana Lourdes Cardoso Dias. (Orgs.). *Onomástica e identidade do homem em seu meio*. Santarém-Portugal: Instituto Politécnico de Santarém / Escola Superior de Educação, 267-308.
- Novinsky, Anita. (2007). *A Inquisição*. São Paulo: Brasiliense.
- Pereira, Levi Marques. *Os Kaiowá em Mato Grosso do Sul: módulos organizacionais e humanização do espaço habitado*. Dourados-MS: Ed. UFGD, 2016.
- Rodrigues, Aryon Dall’Igna. (1984-85). Relações internas na família lingüística Tupí-Guaraní. *Revista de Antropologia*, 27/28, p. 33-53. São Paulo.
- Sousa, Neimar Machado. (2009). *A Catequese Colonial Jesuítica entre os Índios Itatines*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de São Carlos.
- Susnik, Branislava. (1979-1980) *Los aborígenes del Paraguay II, Etnohistoria de los Guaranies*. Época colonial. Asunción: Museo Etnográfico Andrés Barbero.

ANEXO – Lista de nomes civis de indígenas guarani e kaiowá

1. Abigail; 2. Abrisio; 3. Adão; 4. Adelcio; 5. Adelia; 6. Adelio; 7. Ademar; 8. Ademir; 10. Adenilda; 11. Adenilda; 12. Adenir; 13. Adilene; 14. Adilson; 15. Adonei; 17. Adriano; 18. Adriano; 19. Adriano; 20. Aguinaldo; 21. Aida; 22. Alécio; 23. Alécio; 24. Alécio; 25. Alequison; 26. Alex Júnior; 27. Alexson; 28. Alfonso; 29. Alfredo; 30. Alfredo; 31. Alice; 32. Alice; 33. Aline; 34. Almerio; 35. Altair; 36. Amilton; 37. Ana Cristina; 38. Anália; Ananir; 39. Anardo; 40. Anastácio; 41. André; 42. Andréia; 43. Andreolino; 44. Andrielle; 45. Antonio Carlos; 46. Araldo; 47. Argemir; 48. Aurélio; 49. Auriano; 50. Avelino; 51. Barbara; 52. Bárbara; 53. Beatriz; 54. Beatriz; 55. Beatriz; 56. Braulina; 57. Braz; 58. Brigido; 59. Cássila;

60. Catalina; 61. Cecilia; 62. Celia; 63. Célia; 64. Celsia; 65. Celuniel; 66. Cesar; 67. Cilene; 68. Cirlene; 69. Clara; 70. Clarice; 71. Claudelina; 72. Claudemiro; 73. Claudenildo; 74. Claudete; 75. Claudete; 76. Cláudia; 77. Claudineis; 78. Cleber; 79. Cleber; 80. Cleberson; 81. Cledino; 82. Cleide; 83. Cleidiane; 84. Cleomar; 85. Cleonice; 86. Cleunice; 87. Cleyton; 88. Crispim; 89. Daiane; 90. Dalila; 91. Daniel; 92. Daniel; 93. Danilo; 94. Darcia; 95. Davi; 96. Daysi; 97. Dedimar; 98. Delfino; 99. Denice; 100. Denilson; 101. Devanildo; 102. Diane; 103. Diego; 104. Dila; 105. Dilson; 106. Dilson; 107. Dirce; 108. Dorcas; 109. Dorival; 110. Dyna; 111. Edgar; 112. Edilaine; 113. Edilane; 114. Edilson; 115. Ediludio; 116. Edimar; 117. Édina; 118. Edinaldo; 119. Edivaldo; 120. Edmar; 121. Edmilson; 122. Edna; 123. Edson; 124. Edson; 125. Edson; 126. Edson; 127. Édson; 128. Edson; 129. Eduarda; 130. Edvaldo; 131. Eladio; 132. Eldo; 133. Eldo; 134. Elemir; 135. Elenir; 136. Elenir; 137. Elias; 138. Elidiane; 139. Elido; 140. Eliel; 141. Eliéandi; 142. Eliezer; 143. Eliezer; 144. Elisandro; 145. Elisângela; 146. Éliton; 147. Elivelto; 148. Elizabeni; 149. Elizabete; 150. Elizabete; 151. Elizangela; 152. Elson; 153. Emerson; 154. Emner; 155. Enemichelli; 156. Enoque; 157. Erasmo; 158. Erika; 159. Ernesto; 160. Estevo; 161. Eugenio; 162. Eugenio; 163. Eugenio; 164. Evandro; 165. Ezequiel; 166. Ezequiel; 167. Eziquiel; 168. Fabio; 169. Fábio; 170. Fátima; 171. Fátima; 172. Felisberto; 173. Fidencio; 174. Flaviano; 175. Flaviano; 176. Flavio; 177. Geisabel; 178. Geison; 179. Genei; 180. Genesio; 181. Genildo; 182. Geoni; 183. Geraldo; 184. Geraldo; 185. Gerson; 186. Gerson; 187. Gerson; 188. Géssica; 189. Gheus; 190. Gildo; 191. Gilson; 192. Gislaine; 193. Glória; 194. Gustavo; 195. Helio; 196. Helio; 197. Heliodoro; 198. Henrique; 199. Hermínio; 200. Hernâni; 201. Hernani; 202. Holanda; 203. Holiwanderson; 204. Holiwer; 205. Hugo; 206. Huto; 207. Ifigeninha; 208. Ilda; 209. Inair; 210. Inaye; 211. Iracy; 212. Irene; 213. Irineia; 214. Isael; 215. Isaias; 216. Isaias; 217. Isaias; 218. Isaias; 219. Isaias; 220. Isideria; 221. Ismart; 222. Ismarth; 223. Issias; 224. Istees; 225. Ivanezia; 226. Ivanuza; 227. Ivete; 228. Ivone; 229. Jaclison; 230. Jacy; 231. Jadson; 232. Jaime; 233. Jairo; 234. James; 235. Janaina; 236. Janaina; 237. Janes; 238. Janete; 239. Janete; 240. Jânio; 241. Jaquelina; 242. Jaqueline; 243. Jaquelino; 244. Jaquieli; 245. Jaquielison; 246. Jardeson; 247. Jeferson; 248. Jenny; 249. Jessica; 250. Jessica; 251. Jessica; 252. Jessica; 253. Jesus; 254. João Carlos; 255. João Carlos; 256. João; 257. Joaquim; 258. Joel; 259. Joelmir; 260. Joenir; 261. Jonatas; 262. Jorge; 263. Jorginho; 264. Joselidio; 265. Joselina; 266. Josemar; 267. Josemar; 268. Josia; 269. Josiane; 270. Josiane; 271. Josiel; 272. Josimara; 273. Julho; 274. Julia; 275. Júlia; 276. Junior; 277. Junior; 278. Junior Joel; 279. Jussara; 280. Jussara; 281. Jussara; 282. Karolaine; 283. Katiana; 284. Katiusce; 285. Katiuse; 286. Keli; 287. Kelli; 288. Kelly; 289. Kesley; 290. Keverson; 291. Ladio; 292.

Laide; 293. Lazaro; 294. Léia; 295. Leide; 296. Leniel; 297. Leninha; 298. Leonizio; 299. Lidio; 300. Liginho; 301. Lisandrea; 302. Lóide; 303. Lolia; 304. Lorraine; 305. Luciana; 306. Luciana; 307. Luciane; 308. Lucio; 309. Luis Carlos; 310. Lurdes; 311. Luzia; 312. Luzineida; 313. Luzinete; 314. Maciel; 315. Magno; 316. Maidinha; 317. Makiel; 318. Manoel; 319. Maraline; 320. Marcia; 321. Marciano; 322. Marciano; 323. Marcilene; 324. Marcio; 325. Márcio; 326. Marcos; 327. Marcos; 328. Maria Aparecida; 329. Maria Cristina; 330. Maria de Fátima; 331. Maria de Lourdes; 332. Mariano; 333. Marildo; 334. Marilene; 335. Marilete; 336. Mariluce; 337. Marineide; 338. Marlene; 339. Marlene; 340. Marluce; 341. Martinho; 342. Mary; 343. Mateus; 344. Matilde; 345. Maximo; 346. Mercinda; 347. Michel; 348. Midônio; 349. Miria; 350. Misael; 351. Mônica; 352. Natanael; 353. Nei Di Maico; 354. Neio; 355. Nelinho; 356. Nerildo; 357. Nice; 358. Nilcéia; 359. Nilton; 360. Nilton; 361. Noeli; 362. Noemi; 363. Odina; 368. Oilson; 369. Onerimo; 370. Onesimo; 371. Onésio; 372. Onésio; 373. Onides; 374. Oriel; 375. Orlando; 376. Osmar; 377. Osmar; 378. Osmar; 379. Osvaldo; 380. Otoniel; 381. Patrícia; 382. Paulo; 383. Pedrina; 384. Pedro; 385. Pedro; 386. Rafael; 387. Raimundo; 388. Ramona; 389. Raquel; 390. Rebeca; 391. Regiane; 392. Reigineide; 393. Renata; 394. Renata; 395. Ribelino; 396. Risolena; 397. Robson; 398. Robson; 399. Rodinei; 400. Rodolfo; 401. Rogerio; 402. Rogerio; 403. Romário; 404. Romilda; 405. Ronaldo; 406. Ronaldo; 407. Rosa; 408. Rosana; 409. Rosangela; 410. Rosangela; 411. Rosaniz; 412. Rosely; 413. Rosenildo; 414. Rosiclei; 415. Rosicleide; 416. Rosileide; 417. Rosilene; 418. Rosineide; 419. Rossandra; 420. Roziane; 421. Rozilene; 422. Rute; 423. Sabino; 424. Sara; 425. Saul; 426. Saulo; 427. Sávio; 428. Selvia; 429. Sergio; 430. Sérgio; 431. Shirley; 432. Sidamara; 433. Sidinei; 434. Sillene; 435. Silvia; 436. Silvia; 438. Silvio; 439. Simão; 440. Simone; 441. Sindia; 442. Sirlene; 443. Solange; 444. Sonia; 445. Sonia; 446. Sumilda; 447. Tacia; 448. Tânia Fátima; 449. Tarcila; 450. Tatiana; 451. Tatiane; 452. Tayane; 453. Tayza; 454. Thiago; 455. Tiago; 456. Tiago; 457. Tito; 458. Tomas; 459. Toninho; 460. Udo; 461. Uilian; 462. Uri; 463. Uri; 464. Vagner; 465. Valdelice; 466. Valdemir; 467. Valdenir; 468. Valdinei; 469. Valdir; 470. Valdivino; 471. Valdivino; 472. Valdivino; 473. Valdomiro; 474. Valentim; 475. Valmir; 476. Valmir; 477. Valnir; 478. Vanderson; 479. Vanessa; 480. Vanessa; 481. Vanessa; 482. Vanildo; 483. Vanoiria; 484. Venâncio; 485. Vera; 486. Vergilina; 487. Vicente; 488. Victor; 489. Vionicia; 490. Voninho; 491. Wagner; 492. Walmiro; 493. Walter; 494. Wanderson; 495. Waneide; 496. Wanir; 497. Welenton; 498. Welis; 499. Willian; 500. Wilmar; 501. Wilmar; 502. Wilmar; 503. Wilson; 504. Witor; 505. Yani; 506. Zania; 507. Zelia; 508. Zelia; 509. Zeni; 510. Zenilda; 511. Zenildo; 512. Zenilton; 513. Zuleica; 514. Zuleine; 515. Zunilda.

